

OBAMA E O TESTE DAS HONDURAS

por Mário Soares

1. Em quatro escassos meses, Barack Obama tem estado a revolucionar, pacificamente, a América e o Mundo. Isto é, está a mudar radicalmente as políticas norte-americanas, no plano interno e externo, com evidentes consequências positivas à escala global. Em plena crise financeira e económica que, apesar de alguns sinais de melhoria, está longe de estar superada.

Contudo, tem sido obrigado a fazer frente a muitos anti-corpos, com raízes num passado ominoso, que começa a ser esquecido, tanto interna como externamente, com relevância para os interesses feridos, que só pensam no dinheiro e esquecem as pessoas e a sua essencial dignidade...

Vem isto a propósito da crise paradigmática das Honduras que há um mês surgiu naquele malogrado país da América Central e que representa um teste quer para Obama quer para Chavez, apesar de ambos terem condenado (talvez por razões diferentes) o golpe militar que afastou do poder legítimo o Presidente Manuel Zelaya. Porquê? Porque, pela primeira vez, na história duplamente centenária das difíceis e complexas relações entre os Estados Unidos e a América Central e do Sul, um Presidente dos Estados Unidos condenou, sem hesitações, um golpe militar que derrubou um governo democrático legítimo. Normalmente apoiava esses golpes, se não os estimulasse ou mesmo fosse cúmplice deles, como sucedeu - um exemplo entre dezenas de outros - no Chile, com Pinochet...

Barack Obama que disse ter - e tem - uma política diametralmente diferente para a América Latina, como demonstrou na abertura revelada para com Cuba, que prossegue, e na mão estendida a Hugo Chavez, o qual tem oscilado, relativamente a Obama, entre o elogio e a diatribe.

É óbvio que o xadrez político ibero-americano é extremamente complexo, com contradições difíceis de ultrapassar, entre os diferentes países e fundas queixas (que não esquecem) relativamente ao grande vizinho do Norte. No entanto, entre países tão diferentes, embora com raízes comuns, todos são hoje democracias e, por isso, um golpe militar para derrubar um Presidente, legitimamente eleito, não é, de nenhuma forma, aceitável.

Lembro-me bem das dificuldades e da guerra civil que dividiu as Honduras no começo dos anos oitenta. Foi uma guerra cruenta, que parecia interminável e que, finalmente, não trouxe nada de bom para os hondurenhos. Oscar Árias, actual Presidente da Costa Rica, pela segunda vez, e prémio Nobel da Paz - de quem aliás sou amigo há muitos anos - parece-me ser a pessoa indicada para mediar o conflito, que teve precedentes graves. Acompanha a situação da América Central e de toda a Ibero-América, há muitas décadas, conhece bem os políticos norte-americanos do passado e do presente e, por isso - e também por ter um grande prestígio pessoal e político - é, como disse, a pessoa indicada para mediar o conflito. Tarefa que não é nada fácil.

Na entrevista que deu no passado Domingo ao El País, diz que, "tendo estado em contacto com muitos presidentes da América Latina, com Washington e com o Rei de Espanha, D. Juan Carlos", contactando ambas as partes, o Presidente legítimo, Manuel Zelaya, e o Presidente de facto, Micheletti, saído do golpe, chegou à conclusão que "qualquer acordo passa por repor Zelaya

como Presidente". Mas que não é entrando Zelaya nas Honduras, sem acordo prévio, como no Sábado passado ocorreu mais uma tentativa, que isso se consegue. Pelo contrário, alimenta o conflito militar latente, que seria desastroso e péssimo para ambas as partes.

Segundo Óscar Árias "tudo depende da pressão dos Estados Unidos e da União Europeia". Mas não só. O mundo hoje voltou ao multilateralismo e há outras forças internacionais que contam, bem como os vizinhos, Brasil, Nicarágua, Venezuela e outros mais.

Claro que, entretanto, passou um mês. A impaciência de Manuel Zelaya compreende-se, bem como o receio de que o governo de facto se consolide. No entanto, a situação económica das Honduras começa a ser extremamente difícil, dadas as pressões internacionais e as dificuldades de abastecimento.

Há uma coisa que me parece decisiva. Barack Obama não pode recuar em relação ao compromisso que assumiu no primeiro dia. Se o fizesse, e não creio, perderia toda a credibilidade de que goza na Ibero-América. É um capital ganho e extremamente importante para o deixar perder...

À última hora, houve uma notícia animadora: as Forças Armadas das Honduras anunciaram que estão de acordo com o plano de Paz, de iniciativa do Presidente Óscar Árias.

2. Obama também está a ser atacado - até por alguns democratas - por causa da Lei dos Serviços Públicos de Saúde, que enviou ao Congresso e a que a Direita americana sempre se opôs. Lembremo-nos do que passou Hilary Clinton a propósito da tentativa que fez no início do primeiro mandato do seu Marido e que fracassou. Constitui agora uma promessa eleitoral de Obama e uma lei

extremamente útil para as classes pobres dos Estados Unidos. Fere, no entanto, muitos e poderosos interesses constituídos e, por isso mesmo, insere-se no cerne da nova era prometida por Obama, no dia em que tomou posse como Presidente. Se perdesse esse combate no Congresso, seria outra grande machadada, a bem dizer intolerável, no seu projecto reformista. As consequências seriam péssimas, porque equivaleriam a dizer aos menos desfavorecidos e pobres da população americana que por via democrática não poderiam conseguir reformas sociais que fossem contra os interesses e os *lobbies* do grande capital. O que, em tempo de crise, seria um estímulo à violência e ao desespero...

Aliás, está anunciada para Dezembro próximo, salvo erro, uma reunião, promovida pelas Nações Unidas que terá lugar em Copenhaga, na Dinamarca, para fazer avançar, com a prometida aquiescência dos representantes americanos, o processo ambiental intitulado Acordo de Quioto. Esperemos que não haja recuos nem hesitações, desta vez, pela parte da administração Obama. Há alguns rumores em contrário. Mas nada, até agora, de preocupante...

3. O Afeganistão, num impasse, pode vir a tornar-se "um novo Vietname", escreve o último Courier International de 23 de Julho. Já há meses, tinha escrito isso mesmo, nesta mesma coluna. Entretanto, os aliados dos Estados Unidos, a pedido de Obama, aumentaram as suas tropas no terreno. Portugal foi um deles.

Nas últimas semanas, o Presidente dos Estados Unidos parece ter compreendido que é necessário - e urgente - encontrar uma solução política (não militar) para o Afeganistão, que passe por um calendário de retirada rápida dos militares e também por negociações sérias com o vizinho Paquistão. A NATO, transformada em exército de ocupação, para mais com contingentes de diferentes nacionalidades, que mal comunicam entre si e com as populações, pode tornar-se

num verdadeiro suicídio. As perdas, de um lado e de outro, em crescendo, tendem a aumentar. As eleições previstas para 20 de Agosto não parecem trazer qualquer solução. Os afegãos, tanto quanto sabemos, pela imprensa internacional, queixam-se da corrupção, que alastra e da insegurança. Hamid Karzai é impopular mas não se vê quem o possa substituir. E, no entanto, o tempo urge. No Outono as dificuldades vão aumentar...

4. Manuela Ferreira Leite apanhou gripe, ao que dizem. Pelos vistos, felizmente, não foi a gripe suína nem a A. Foi uma simples gripe estival, sem consequências, que passa rapidamente. Esperemos. Mas bastante oportuna - diga-se - porque lhe permitiu não se deslocar à Madeira, a Chão de Lagoa, onde o sol, nesta época, é muito intenso, as danças, as bebidas e as confraternizações abundam, onde há geralmente discursos exaltados, o que não faz nada bem a esse tipo de gripe...

Visto que a Dr^a. Ferreira Leite aceitou ir, no próximo ano, ao ritual de Chão de Lagoa, como foi anunciado no Comício, gostaria de saber - como de certo os seus eleitores - o que pensa dessa tão típica confraternização política e do fogo discurso do seu ilustre correligionário da Madeira.

Lisboa, 28 de Julho de 2009